

JORNAL DO BRASIL

Idéias

ENSAIOS

Sumário

Fala-se muito do esvaziamento cultural do Rio, mas ninguém prova que ele existe

■ *Por Artur Xexeo*
(Página 3)

A Igreja não sucumbe às ideologias do século 20 porque ela tem uma história e uma memória que as transcendem

■ *Por Cardeal Joseph Ratzinger*
(Páginas 7 e 8)

O homem moderno é um homem *adventado*, que depende dos especialistas e não consegue pensar por si

■ *Por Mauro Rasi*
(Páginas 8 a 10)

A URSS, hoje, vive movida pela corrupção e pela busca alucinada de dólares

■ *Por Betty Milan*
(Páginas 10 e 11)

A CUT fracassou na condução da greve da Ford? Personalidades tentam uma resposta

(Página 12)

Para sair do atoleiro cultural

O Estado precisa se adaptar às novas exigências de um mundo unificado, onde a cultura cumpre o papel de geradora das identidades

■ *Por Aspásia Camargo*

(Páginas 4 a 6)



O instrumento é necessário

Nas ondas do vento existe um dragão e eu, vago, não tenho adaga na mão, existe a quimera da minha evasão e eu, vago, não tenho a minha ilusão, existe a beleza de toda emoção e eu, vago, não tenho um lápis senão eu punha depressa na mesma canção adaga quimera as ondas do vento e um lindo dragão.



Coriscos

A comunicação moderna propaga eletronicamente o pensamento contido na notícia, e o volatilizava.

Escritor é quem tem dificuldade para escrever; quem tem facilidade para escrever é orador.

Todas as mulheres, fiéis ou não, aguardam, tricotando nervosas alguma coisa, um telefonema de Ulisses.

Fotógrafo de parque faz instantâneo de eternidade.

Quem o sono ama, cedo acorda.

João, satisfação: Estou pagando imposto de renda como um milionário — pouco paca!

Moça bonita

Naqueles longes, moça bonita era como jabuticaba temporona, todo mundo dava em cima. Pra casar. Raro o município que tinha de fato mais de duas moças bonitas. E elas se casavam depressa. Hoje é isto aí. Moças lindas aos magotes assustam Minas Gerais; louras, morenas, mulatas, descontraídas, inconscientes do longo e carregado blábláblá de reprovação que a mudança dos costumes (e dos padrões estéticos) foi provocando na família mineira. Só uma palavra a distingue das outras moças do nosso Brasil pra frente, uai.

Idéias ENSAIOS

Editor: José Castello/ Editor-assistente: Wilson Coutinho
Diagramador: Antoninho de Paula/ Redator: Ney Reis/
Capa: Aliado

Colaboram nessa edição:

- Artur Xexéo, jornalista, editor do Caderno B do JORNAL DO BRASIL.
- Aspásia Camargo, historiadora e cientista política, Secretária Estadual de Cultura do Rio de Janeiro.
- Cardeal Joseph Ratzinger, alemão, prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, no Vaticano. Esteve recentemente no Rio para um seminário no Centro de Es-

- tudos do Sumaré. Seu ensaio é uma adaptação da conferência que apresentou no seminário.
- Mauro Rasi, dramaturgo, autor de A estrela do lar, em cartaz no Teatro Copacabana, Rio.
- Betty Milan, psicanalista, membro do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro e autora de Sexophuro (Aoutra Editora).

MCE

A reunificação das duas Alemanhas, a Comunidade Econômica Européia no horizonte de 1992, as relações Brasil-Europa, as estratégias de negócios da Nova Europa e os novos desafios econômicos e tecnológicos para o Brasil são alguns dos temas do ciclo de conferências empresariais *O Brasil e o Mercado Comum Europeu*, que começa nesta quarta-feira. Organizado pela Assessoria Internacional do Centro Cultural Cândido Mendes o encontro continuará até o dia 5 de setembro com a participação dos professores Carlos Langoni, diretor da Fundação Getúlio Vargas, Helson Braga, do Ipea/UFRJ, Cândido Mendes, presidente do Conselho Internacional de Ciências Sociais, Jean Bernard Ouvreu, embaixador da França no Brasil e Reynier Flaes, embaixador dos Países Baixos no Brasil, entre outros. Informações: 224-8622.

Magia

Magia e erotismo é o tema do curso promovido pelo Centro Brasileiro de Psicologia Junguiana, que começa amanhã no Instituto de Estudos da Religião. A programação inclui as seguintes palestras ministradas pelo professor José Carlos Leal, sempre às 19h.: O sentido da magia (amanhã), erotismo e sexualidade (dia 13), Satã, o senhor do prazer (dia 20) e as servas de satã (dia 27). Informações: 265-5747.

Oficinas

Novas turmas serão abertas na Oficina Literária Afrânio Coutinho, durante este mês: dia 14 a professora Enilda Alves inicia a Oficina de Redação; a professora Rita Moutinho é responsável por duas Oficinas de Poesia, dias 14 e 16; a Oficina de Ficção ficará a cargo de Maria Amélia Mello, a partir do dia 13, e a de Redação II começa dia 17 com Angela Tereza. Informações: 294-0338.

Bem-Estar

As questões das políticas sociais e assistenciais brasileiras serão debatidas de 27 a 30 de setembro, durante o *Encontro Nacional das Entidades de Bem-Estar, de Pesquisa e das Ciências Sociais e Humanas* promovido pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS). Para o evento estão sendo contatados os profissionais responsáveis pelos programas de bem-estar social do país, bem como assistentes sociais, cientistas sociais e estudiosos interessados em discutir o tema. Informações: 220-8174.

Saúde

O Instituto Biomédico da Universidade

do Rio de Janeiro (Uni-Rio) promove de 8 a 10 deste mês a *Jornada de Integração Multidisciplinar* cujo tema principal é Saúde: uma questão multi ou interdisciplinar? Profissionais de diversas áreas da saúde discutirão nesses três dias a participação da universidade na Reforma Sanitária, a ética contemporânea e a formação dos profissionais. Local: Instituto Biomédico da Uni-Rio, Rua Frei Caneca, nº 94, Centro, telefone 224-4583.

Psicanálise

□ Gérard Pomier, da École de La Cause Freudienne de Paris, José Milano, Carlos Quiroga e Anabel Salafia, da Escuela Freudiana de La Argentina, participam de *XII Jornada* (dias 11 e 12), promovida pela Escola de Psicanálise de Niterói. Nesses dois dias os profissionais discutirão desde a função fática e o gozo, o desejo e o pesadelo até a fobia, que angustiam os sonhos dos analisandos. Informações: 718-3136. □ inscrições abertas para o curso *Introdução à Psicoterapia Breve*, do Instituto de Psicoterapia Georges Politzer. Informações: 266-3099. □ Continua na Casa de Cultura Laura Alvim, às segundas-feiras, o curso do psicanalista David Tucci, que abordará, a partir de 13 de agosto o tema *Desordem na psicanálise*. Informações: 247-6946.

Diversos

□ A aula magna da Faculdade de Administração a Uerj será proferida pelo professor Eliseu Martins, da Universidade de Campinas e atual diretor da área de Fiscalização do Banco Central, nesta quinta-feira, às 19h. Informações: 284-8322, ramal 2781. □ Com início previsto para 15 de agosto o Setor Cultural da Faculdade de Letras da UFRJ promove o *Fórum de Pesquisas Literárias e Linguísticas* que se estenderá até 24 de outubro. Nesses encontros serão apresentados à comunidade acadêmica diversas pesquisas realizadas pelos professores da universidade. Informações: 590-0212. □ A Universidade Santa Úrsula abre inscrições para o Curso de Especialização em Psicanálise. Informações: 551-5542, ramal 248. □ Durante a 2ª *Jornada de Nutrição* promovida pelo Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), profissionais da área debaterão, no próximo dia 10, os efeitos do plano econômico sobre a qualidade da alimentação brasileira. Informações: 284-8322, ramal 2747.

Tina Correia

Bruna Lombardi

Em resposta ao artigo *Faça amor e não a guerra*, de Bruna Lombardi, publicado em 1º/07/90 na coluna *Recado*, deste jornal considero necessário apontar alguns esclarecimentos a respeito do movimento feminista atual que me parece não ter sido convenientemente abordado.

Sobre a afirmação de que o feminismo é uma coisa passageira, podemos até concordar, se fizermos a ressalva de que muitos caminhos ainda precisam ser seguidos para que finalmente ele possa dizer adeus. Que bom seria se estivessem os próximos a este dia. Finalmente, poderíamos dizer que nossa luta chegou ao fim e que valeu a pena a estrada percorrida. Uma estrada de muitos atalhos, com muitos contornos, idas e vindas, mas sinalizações, que, no entanto, serviram para amadurecer o movimento, através de constantes questionamentos acerca de nosso papel na sociedade.

O feminismo ainda está longe de ser uma coisa passageira, enquanto a voz da mulher for abafada, enquanto ela não tiver direito a uma cidadania plena e, enfim, enquanto sua identidade não se desalienar da definição que lhe foi historicamente imposta por um padrão masculino de feminilidade.

Bruna nos diz que o feminismo radical está morto. Se entendermos por radical a qualidade de algo que se propõe a alcançar sua raiz e a entranhar com profundidade em sua questão fundamental, diria que o "feminismo radical" está mais vivo que no passado recente, em que o movimento se iniciou em oposição ao homem, no fundo almejando sua posição de dominante, sem antes refletir a respeito da validade de seu papel.

Pode-se dizer com uma certa margem de erro que nos círculos artísticos e intelectuais as mulheres conquistaram sua emancipação. Embora o "machismo" se apresente atenuado nestes círculos há que se considerar o constrangimento que causa em pessoas iluminadas pelos raios do academismo assumirem-se acadêmicas tal.

Como bem disse a atriz e poetisa, o Brasil é muito grande e com certeza não se resume a seu grupo de amigos. A pesquisa *Violência contra mulheres de diferentes classes sociais*, realizada por um grupo de professoras da Escola de Serviço Social da UFRJ, da qual faço parte como bolsista, nos mostra que não só o Brasil é muito grande como o próprio Rio de Janeiro é bem mais complexo do que se supõe.

Como mulher jovem, moradora de um centro urbano, pertencente à classe média, com nível universitário, posso até me identificar com o sentimento de mulher que tem Bruna Lombardi. Mas como socióloga creio que para ocupar a coluna semanal de um jornal como o *JB* devo ir além de minha experiência pessoal, de meu círculo de amizades, enfim, de minha trajetória igualmente árdua à de Bruna, embora com uma experiência possivelmente diferente.

Bruna nos diz que se recusa a ver a relação homem/mulher em termos de competição. Não se trata de competir no que diz respeito ao movimento feminista. Trata-se de uma luta a dois e não entre dois, pois seria inconcebível pensar a transformação da mulher, sem que o homem se transforme também.

Justificando-se de que não aceita ver a relação homem/mulher em termos competitivos, alega que o social é duro para ambos os sexos. Sobre isto, diria até mais: o social é difícil para ambos os sexos como é para múltiplas etnias que não a branca, para diferentes formas de relacionamento sexual que não o hetero, para diferentes camadas sociais que não a dominante, é difícil para os velhos, para as crianças, enfim, para toda a sociedade. Temos, no entanto, que considerar que, se a vida está difícil para uns, o que dirá para aqueles pluriestigmati-

zados como mulher pobre; mulher, pobre e negra; criança pobre, negra e favelada; negro, homossexual e pobre e assim por diante. Poderíamos citar múltiplas combinações de identidades sociais estigmatizadas.

As expectativas sobre o homem em nossa cultura são um fardo pesadíssimo, como disse Bruna. Por conta de uma socialização discriminatória que lhe impõe metas inatingíveis numa sociedade cada vez mais injusta do ponto de vista econômico, os homens são criados, à excessão dos filhos dos círculos já mencionados, para pagar as despesas do bar, as horas do motel, as contas da casa, o colégio dos filhos. Claro que seu fardo é pesado! Muito diferente seria se a responsabilidade da casa fosse ou dividida a dois ou responsabilidade de um dos dois, desde que estabelecido um acordo livre em que pese menos a imposição social e mais uma divisão racional de tempo e de tarefas, levando em conta a gratificação individual.

Parece-me que a Bruna não considera que nesta balança os pesos são desiguais. Partidarismo de lado, as mulheres levam uma real desvantagem numa sociedade que oprime a todos, sem dúvida, mas também na qual alguns se deixam oprimir, como o caso do homem que considera seu dever prover a casa, e quando, por desemprego ou outra razão, não o faz, se enche de cachaça e invariavelmente reage de forma negativa, desencadeando uma situação de violência incontrolável quando sua companheira quer reverter o quadro de precariedade doméstica, entrando no mercado de trabalho.

Este com certeza não é o meu Rio de Janeiro nem o de Bruna. Mas é o de milhares de mulheres do Centro e da periferia que estou tendo oportunidade de conhecer.

Bruna prossegue seu artigo dizendo que o "uso generalizado do erotismo feminino na televisão e na propaganda" não tem nada demais, "se for uma coisa de bom gosto, de qualidade". Sem entrarmos nas considerações pessoais do que seja bom ou mau gosto e até mesmo porque está provado que a beleza faz parte de um padrão que varia historicamente, penso que, ainda que possamos admitir a existência de nus femininos "artísticos" e de bom gosto, a divulgação destes acaba por reforçar a idéia, infelizmente ainda dominante a nível mais geral, de que a mulher só vale por suas curvas. A maioria das revistas

"masculinas" reserva páginas de nus às mulheres, enquanto aos homens restam aquelas relacionadas às suas profissões, às suas atividades intelectuais, à sua vida esportiva etc... A maior prova desta discriminação está no fato de que não existem revistas de nu masculino na mesma quantidade das de nu feminino.

Quando Bruna diz que as expectativas em cima dos homens em nossa sociedade são imensas, insere-se nestas cobranças sociais um desempenho sexual sempre 100%, inalcançável para a maioria dos mortais. Ora, a imagem que essas revistas passam da mulher corrobora esta exigência, pois as apresenta como fêmeas insaciáveis à espera de um macho super viril para satisfazê-las prontamente.

Bruna diz que o que vai ocorrer daqui pra frente é a assimilação dos contrários caracterizados como masculinos e femininos. Talvez o que ela não saiba, cabe aqui esclarecer, é que o feminismo busca exatamente esta assimilação.

Concordo quando diz que, independente da sexualidade, o comportamento das pessoas deve ter um lado andrógono. Seria realmente muito bom se, independente da minha opinião pessoal sobre o assunto, homens e mulheres estivessem verdadeiramente deixando aflorar instâncias de seu íntimo, antes rigidamente demarcadas em masculinas e femininas.

Estamos lutando e caminhando para isto, mas, infelizmente, ainda não chegamos lá... *Luciana Pazito — Socióloga (Bolsista da equipe de pesquisa Violência contra mulheres de diferentes classes sociais. ESS/UFRJ) — Rio.*



Bruna Lombardi: feminismo ultrapassado

Quem falou em esvaziamento cultural?

A extinção da Lei Sarney não acabou com a cultura no Rio. Ao contrário, a cidade continua até mais ativa em certos setores

Artur Xexéo

O FestRio acabou e o Free Jazz foi cancelado. Os apocalípticos de plantão certamente vão ter mais um argumento para cantar o esvaziamento cultural do Rio de Janeiro e os catastróficos efeitos do Plano Collor na cultura nacional. Mas não é bem assim. O FestRio, na verdade, acabou desde o ano passado quando, na falta de apoio financeiro do governo Sarney — o evento nunca teve competência para conseguir dinheiro da iniciativa privada — transferiu-se para Fortaleza. O Free Jazz já é outra história. Alegando prejuízos com a falta de sensibilidade do governo Collor em relação aos problemas da indústria tabagista, a Souza Cruz (Free não é só um estilo de jazz) cancelou o festival deste ano. Mas quase ao mesmo tempo, o Banco Nacional confirmou seu patrocínio à Mostra Internacional de Cinema do Cineclube Estação Botafogo, que anuncia para setembro a exibição de 70 filmes inéditos na cidade, entre eles, os últimos de Spike Lee e David Lynch. Quem falou em esvaziamento cultural? Certamente foram os mesmos que, após o anúncio do Plano Collor e, conseqüentemente, do fim da Lei Sarney, lamentaram: "O teatro acabou." Como se o teatro brasileiro, que tem a idade do país, fosse mesmo dependente de uma lei que só existia há três anos. Em pouco tempo, a própria atividade teatral deu a resposta. Durante os três anos de vigência da Lei Sarney, nunca a programação teatral carioca foi tão boa como agora, com os cartazes anunciando Paulo Autran, um novo espetáculo de Mocyrcr Goes, os sucessos de *A estrela do lar* e a *Partilha* e o musical de Marília Pera, *Elas por ela*. Marília, aliás, vem de uma temporada paulista em que todo o investimento de seu espetáculo era patrocinado por um banco poderoso aliado à Lei Sarney. No Rio, o aporte financeiro foi substituído pela modesta conta bancária de uma perfumaria, que nem terá direito a descontos no imposto de renda. Mas o talento de Marília tem lotado diariamente o teatro. Precisava da Lei Sarney? Não se pode falar em esvaziamento cultural numa cidade que acabou de abrir as portas da Casa França Brasil com uma ambiciosa exposição de fotografias de Cartier Bresson e Sebastião Salgado. Ou que vê, mês a mês, o Museu Nacional de Belas-Artes renovar suas exposições. Ou se acompanha agora a revitalização do Museu de Arte Moderna. É verdade que para quem mantém o título de capital cultural do país, o Rio de Janeiro enfrenta contradições inexplicáveis. Um incêndio no Caneção, por exemplo, é capaz de privar a cidade de grandes shows. Simplesmente não há outro espaço na cidade com grande palco e grande platéia. Mas isso tem a ver com Lei Sarney. Plano Collor ou esvaziamento cultural? É bom lembrar que o Plano Collor já havia feito suas vítimas e os patrocinadores culturais já tinha se escondido quando a prefeitura do Rio de Janeiro bancou dois espetáculos monumentais com Paul McCartney no Maracanãzinho. E a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Melo, personificação viva da recessão cultural, assistiu de camarote.

A cultura na crista da terceira onda

O Estado tem um papel crucial nos destinos da cultura. Na dispersão do mundo pós-moderno, ela é o lugar da identidade

Aspásia Camargo



Muito se tem falado da Revolução tecnológica e do hiato crescente entre os países pobres e ricos, mas falta talvez uma reflexão maior sobre a dinâmica e o alcance desse processo casado entre ciência e tecnologia, cuja força propulsora repousa em uma Revolução cultural de grande envergadura, movida pela inventividade e pelo conhecimento. Os ciclos civilizatórios nos permitem observar que as grandes contribuições técnico-científicas ocorrem ao mesmo tempo que as inovações artístico-culturais, e que ambas têm em comum a capacidade de combinar, em proporções diversas, a observação sistemática e a intuição sensível. A Grécia de Euclides e de Pitágoras produziu também Fídiás, Sófocles e Esquilo. Da Vinci, um caso extremo, era de uma só vez artista e cientista. A teoria da relatividade e a física quântica representaram ruptura de intensidade idêntica a que nos proporcionou a chamada arte moderna, da mesma maneira que o fim da escolástica produziu Galileu, Descartes e Maquiavel.

O que distingue a Revolução Cultural dos nossos dias são algumas mudanças importantes: em primeiro lugar, a rotinização da inventividade, uma vez que é o conhecimento (científico ou cultural) que garante hoje o fluxo dinâmico do processo produtivo; e que cada vez mais se encurta a distância entre a invenção e o produto final. Como corolário desta tendência, ocorre a massificação de um processo de conhecimento antes reservado a uns poucos eleitos, o que significa que a criatividade — sinal distintivo da espécie humana — tende a se incorporar de maneira crescente ao processo social, seja através da produção, seja através do consumo. E é este, a nosso ver, o significado mais profundo que devemos dar à tão propalada "prioridade aos recursos humanos", perfeitamente adaptada à nova "sociedade de serviços", mas que no Brasil representa o ponto mais frágil, e mais dramático, do processo de modernização recente.

As conseqüências de tal mutação, comparável à do surgimento do neolítico, são ainda de dimensão e intensidade imprevisíveis. Não é apenas o Estado que muda de forma e de estilo. Discute-se à exaustão o "capitalismo desorganizado" e suas novas regras: flexibilidade, participação, competitividade e uma combinação sui-generis, bem japonesa, entre disciplina e ousadia. (1) No entanto, mesmo para os países que tiveram o mérito de iniciar este processo, dolorosa é ainda a constatação de que os valores e procedimentos que sustentaram a sociedade industrial estão obsoletos, e que nocivas e perigosas foram as práticas, predatórias, destrutivas, quase irreversíveis, alimentadas pelo antigo sistema. Redefinir estes valores e ajustá-los a novos procedimentos é o leit-motif da revolução cultural e isso representa um duplo esforço: corrigir graves distorções acumuladas na etapa anterior, e que criaram uma sociedade tão desigual quanto heterogênea, e, ao mesmo tempo, mobilizar seu inegável dinamismo e criatividade para inventar o futuro — que está aí, em aberto — para dar contribuição cultural maior no movimento de constituição da Sociedade Internacional e da Economia-mundo em plena formação. Nossa cultura diversificada e rica, parte integrante deste país continental, terá, como de fato já o tem, sua contribuição a dar dentro de um processo em que cada país disputa com afinco o seu espaço, promovendo seu reconhecimento, sua autoestima e a dimensão legítima de sua própria grandeza.

Os movimentos sociais gerados a partir de 1968 são, em sua negatividade e em seu balbucio, os arautos da mudança — ou, melhor dizendo, os seus parteiros. Eles denunciam a Velha Sociedade condenando, como José Lutzenberger o fez recentemente, um desenvolvimento desenfreado, irracional, centrado em desigualdades crescentes, cuja lógica conduz fatalmente ao colapso da vida no planeta. O desafio maior é, portanto, como já anunciara Alvin Toffler há mais de uma década, reformatar as instituições obsoletas adaptando-as aos novos valores da sociedade pós-industrial, ou pós-moderna.

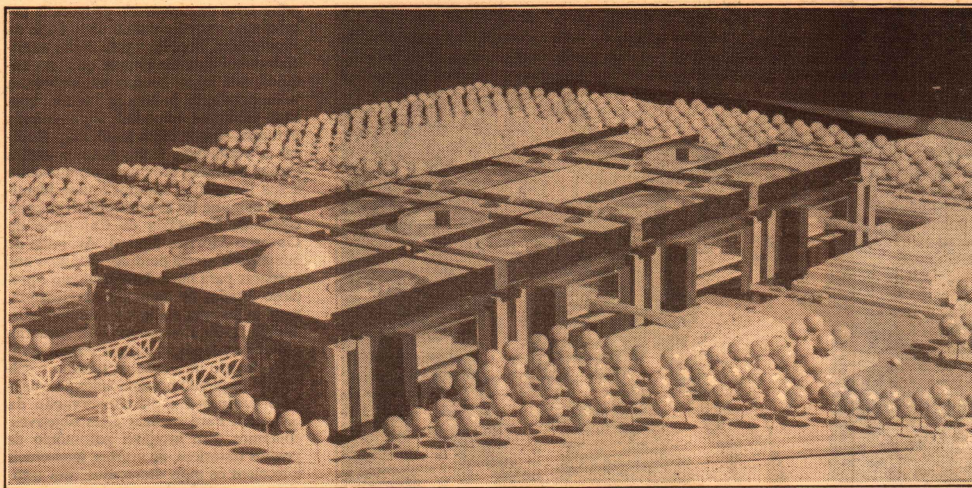
Hoje, os problemas vitais da sociedade moderna são praticamente comuns. Também no Primeiro Mundo fala-se da política e dos políticos, que "só se interessam pela Economia". Temem-se a solidão e a violência das grandes cidades. Convive-se com o preconceito contra os imigrantes que, tal como os bárbaros na Roma Antiga, silenciosamente invadem e descaracterizam o Império. Com frequência inquietante, violam-se túmulos e cemitérios. Confere-se radical orfandade aos que estão fora do circuito ostensivo da abundância e da prosperidade.

O individualismo e sua voraz caricatural, o narcisismo e o consumismo sinalizam um persistente mal-estar coletivo, associado, sem dúvida, à dissolução das organizações sociais básicas, como a família, a

comunidade e a própria escola. Buscam-se novos caminhos, novos valores, novas instituições. Parte dessa busca é regressiva, remete ao passado e a velhas práticas, intrinsecamente humanas, que uma incondicional adesão à modernidade procurou destruir. A outra parte é improvisadora, futurista, inventiva. Ser pós-moderno é poder combinar várias opções ao mesmo tempo, tais como: amar Nova York, o neoclássico, televisão a cabo, e cultivar a natureza. Exaltam-se ao mesmo tempo a racionalidade, a competição, a mobilidade e o desampenho, sem deixar de discutir as irracionalidades da modernidade, a destruição e a desordem que esta enganosa modernização produzia. No cerne da autocrítica ocidental em torno do sistema que construiu e espalhou pelo mundo durante muitos séculos reside a ênfase excessiva nos circuitos superdimensionados da vida material, voltada para ganhos e finalidades imediatas, às expensas de uma integração social que os japoneses conseguiram realizar dentro de suas empresas. Nesse sentido, até mesmo o sucesso empresarial parece estar condicionado a relações de solidariedade e afetividade, mais estáveis, orgânicas e contínuas. O culto do misticismo, da natureza e do corpo, foi alimentado pela influência de diferentes modalidades de orien-



O novo e o antigo convivendo no Louvre, em Paris: parceria de opostos



Museu das Ciências e das Técnicas de La Villete: a nova cultura

talismo, que valorizam a intuição e a transcendência, como forma de *protesto antiutilitário* que parece ser a marca registrada, ainda confusa, deste final de século. O fundamentalismo do aiatolá Khomeini prospera na periferia do próspero mundo ocidental. Às vezes dentro de suas fronteiras. Ao que tudo indica, valem os ensinamentos de Arnold Toynbee, ao anunciar, no auge de um ciclo de inextinguível abundância, a decadência do Ocidente. E não será esta decadência, marcada pela prosperidade econômica e pela fragmentação cultural da linguagem do pós-modernismo, o passo inicial à recuperação de sua verdadeira e ainda irrealizada tradição humanista?

Cerca de seis mil sociólogos de diferentes países reuniram-se em Madrid, no início de julho, para discutir as perspectivas da Sociologia de um mundo só. Na verdade, o tema central girou em torno desta densa teia de comunicações culturais que tornou o mundo menor e que possibilitou a intensificação de um círculo de trocas de caráter supranacional. A preocupação fundamental girou também em torno das diversidades locais e regionais, corroborando uma tendência universal do Estado contemporâneo, que é a de descentralizar algumas funções de um lado, e centralizar de outro. A nosso ver, a emergência de um setor público internacional, com já razoável poder institucional e impositivo, é o grande fenômeno a ser observado neste final de século. Questões fundamentais como o fluxo de capitais, questões ambientais e o combate às drogas já estão alimentando este circuito, e a questão fundamental é saber de que maneira, em que área e com que instrumentos, cada país consegue melhorar sua posição relativa diante dos demais. A luta se trava, portanto, em duas frentes que muitas vezes coincidem: a da disputa econômica e a do controle dos símbolos.

Alain Touraine, em uma das sessões nobres do Congresso Internacional de Sociologia afirmava, *en passant*, que “a indústria cultural é o principal motor da sociedade pós-industrial ou de serviços”. A afirmativa deve ser interpretada *latosense*, visto que boa parte dos produtos disponíveis ao consumo se origina das novas necessidades culturais e ideológicas criadas a partir do movimento ecológico e da valorização do corpo. É certo também, que a proximidade da unificação europeia aguçou a competitividade entre países de forte tradição cul-

tural. A França construiu nos últimos vinte anos um verdadeiro império museológico que lhe custou cerca de vinte bilhões de dólares e informatizou os seus serviços com uma eficiente rede de minitel, favorecendo o turismo e o consumo cultural. Segundo Mendras, esta segunda revolução francesa ainda em curso, canaliza nas cidades de província, para o setor cultural cerca de 15% do orçamento total. A recuperação do patrimônio na Itália, a Espanha do Quinto Centenário e a Alemanha do Instituto Goethe elegem o setor cultural como fonte privilegiada de divisas e de prestígio. Ainda na Espanha, é interessante observar o cuidado com que o governo espanhol investe na problemática indústria do cinema, para garantir a viabilidade do

M. de S.

Hoje, os problemas vitais da sociedade são praticamente comuns. Também no 1º Mundo fala-se mal da política, teme-se a solidão e a violência

prestigiado cineasta Almodóvar. Em suma, desenvolve-se, não por acaso, uma sociologia do turismo e do ócio que reflete a importância crescente do lazer e da cultura. Por toda parte, o binômio turismo e cultura se transforma, neste mundo global, em preciosa fonte de divisas e de riquezas.

No plano das comunicações e da mídia, enorme é a preocupação em proteger o mercado europeu do assalto americano. A indústria cinematográfica já garante aos Estados Unidos, através do cinema, a bagatela de sete bilhões de dólares. Neste particular, sua estratégia é perfeita: dificilmente um filme estrangeiro penetra no mercado americano que, em contrapartida, encontra facilidades no mundo inteiro, inclusive no Brasil. Para um país como o nosso, que deu indiscutíveis demonstrações de competência, téc-

nica e comercial na área da televisão, e na linguagem cinematográfica, estas lições da política cultural do mundo desenvolvido não devem ser desperdiçadas. Devemos nos preparar para a competição em pontos estratégicos e nos setores em que somos competitivos.

Como foi bem lembrado em Madrid, “a modernização hegemônica tem como principal ponto de apoio o abuso hegemônico da mídia”.

É por demais óbvia a constatação de que os museus mudaram de função e ampliaram seu público, substituindo o saber tradicional das escolas e socializando milhares de pessoas para atender ao novo perfil da cultura massificada e da

sociedade de serviços. Nesse sentido, o passo mais espetacular parece ter sido dado pela França no Museu da Ciência e Indústria de La Villette. Procurando enfrentar com coragem o preconceito arraigado da tradição cultural francesa contra o impenetrável universo científico, cria-se um museu cujo objetivo principal é familiarizar o público, e particularmente as crianças, com a linguagem, os conceitos, as descobertas e potencialidades da ciência moderna. O lado acessível da empresa não esconde o fato de que a proposta é fruto de um deliberado investimento pedagógico para tornar a ciência parte integrante do *establishment* cultural, do qual é parte constitutiva. O orçamento desta programação é de mais de cem milhões de dólares e as escolas dele cada vez mais se beneficiam. O público anual é de mais de cinco milhões de pessoas.

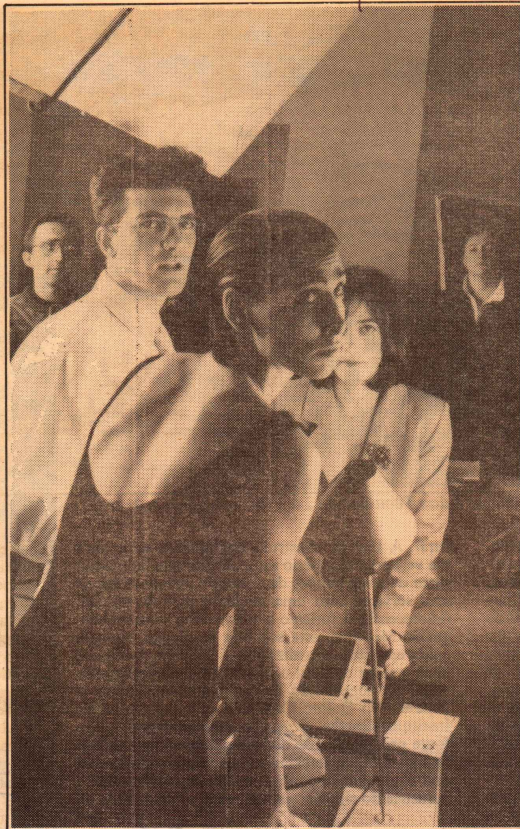
Nós, brasileiros, que podemos nos orgulhar de possuir hoje, em todos os setores, uma produção cultural inegavelmente dinâmica e criativa, devemos, em contrapartida, nos acañar por não termos sequer tentado investir em nossa abandonada rede de museus, que desconhece a dinâmica das exposições temporárias, a racionalidade e a economia dos circuitos integrados de salas que barateiam o custo das exposições, e, sobretudo, a utilidade pedagógica que estes espaços poderão vir a exercer na formação das crianças e dos jovens sempre ávidos de informação e de cultura. Da mesma forma, a televisão educativa e a escola devem utilizar cada vez mais as diferentes linguagens — teatral, poética, musical, e plástica — como instrumento eficaz de comunicação, pela sedução e o fascínio que a linguagem criativa, e inteligente, exerce sobre o público-mais diversificado. Estas técnicas poderão ser fundamentais para o aprendizado das crianças que apresentam dificuldades de alfabetização, originadas de sua baixa condição social, e da situação de inferioridade psicológica em que se encontram. A experiência nos ensina que o recurso às artes visuais, à dança e à música estimulam a desinibição e a participação que, como nos ensinou Paulo Freire, é indispensável para integrar o ser humano à vida social e ao mundo. Foi este tipo de experiência que um iluminado professor de arte ensaiou com êxito no mais afastado município do Rio Grande do Norte.

Por tudo o que foi dito, fica evidente que são incontáveis as funções e os usos da cultura. Permite a integração social, através da unificação dos códigos e da criação e homogeneização dos valores coletivos. Promove a autoconfiança de grupos e subgrupos organizados, ao valorizar a sua memória, sua participação local, regional, nacional, internacional no circuito da vida social. Em um país como o nosso, heterogêneo e complexo, cada unidade da federação, cada núcleo ainda isolado, oferece surpreendente potencial de colaboração criativa ao patrimônio comum desta ainda jovem nação brasileira. Que inesgotável fonte de inovação, de prazer e de sabedoria não se esconde ainda por trás de nossa desconhecida imensidão amazônica? Comidas, artefatos, lendas, sonoridades, cor e cheiro. Por que não dar dignidade ao nosso artesanato, como o fizemos no Estado do Rio de Janeiro onde um programa oportuno como o *Produzir*, ligado à Secretaria de Indústria e Comércio, põe à disposição do comércio especializado produtos autenticamente nossos que podem ser promovidos e vendidos aqui e no mundo inteiro? Por que não valorizar a linguagem inventiva de nossos artistas, que se destacam nas condições mais adversas, mal sabemos como? Este, em realidade, não é apenas um problema do governo, mas também da sociedade que ainda duvida, que hesita.

O Estado deve exercer um papel crucial no processo cultural como em tudo o mais na vida associativa. Ele foi a mais ousada iniciativa do homem em sua permanente contradição com o mundo e consigo mesmo: sua função é, antes de mais nada, estabelecer um núcleo de defesa do interesse público, onde, como e quando ele exige. É certo que o interesse público é uma abstração irrealizável e permanentemente invadida pela indomável rede de relações pessoais, grupais e corporativas que circundam o poder. Não podemos negar, porém, que é dessa dinâmica instável entre o público e o privado que a sociedade e a política se democratizam. O liberalismo, hoje tão justificadamente em moda, nada mais é do que uma ideologia de transição que tem como função principal demolir velhas estruturas de poder decadente, devolvendo o poder à sociedade e aos seus grupos mais dinâmicos. Uma vez realizada esta missão saneadora, novos interesses se instalam, tanto mais legítimos quanto seu mandato se origina de apoios expressivos da sociedade civil.

No bojo da Revolução Cultural, a estrutura do Estado se redefine. Esta reformatação consiste em descentralizar velhas funções gestonárias do antigo Estado, seja desregulamentando-as, seja entregando-as ao poder público local.

Novas funções coordenadoras se criam — instituições internacionais públicas — como embrião ainda frágil do futuro Estado Supranacional. Cabe, portanto, ao fragilizado Estado Nacional uma função difícil, que é a de imprimir consistência e ritmo a um poder seriamente descapitalizado, seja articulando blocos regionais mais poderosos, seja concentrando esforços para garantir espaço e competitividade às unidades nacionais. Mais do que nunca, sua função coordenadora, persuasiva, cresce na exata medida em que seu poder de comando diminui. Proteger a memória e o patrimônio e estimular as culturas locais e regionais, garantin-



Sem o Estado, Almodóvar não faria filmes como *Mulheres à beira de um ataque de nervos*

do-lhes espaço de divulgação através da mídia; promover a circulação e a integração dos circuitos culturais; democratizar a cultura, dando-lhe funções pedagógicas educativas; fortalecer a formação de novos talentos; promover o melhor da cultura brasileira nos grandes centros culturais do mundo são algumas de suas principais tarefas, às quais podemos acrescentar o trabalho vital de socializar o setor privado e promover sua participação autônoma no financiamento da produção e promoção da cultura.

O Rio de Janeiro vive, nos últimos dez anos,

O Estado foi a mais ousada iniciativa do homem em sua permanente contradição com o mundo. Hoje cabe a ele ser a defesa do interesse público

grave crise de identidade provocada pelos efeitos corrosivos da transferência da capital para Brasília e pela fusão administrativamente desastrosa que, no entanto, nos legou imenso patrimônio: a velha província do Rio de Janeiro, com suas tradições imperiais, suas belezas naturais, seus prédios históricos. Realizar a verdadeira fusão entre a antiga capital e a velha província, promovendo a sua integração cultural e uma identidade comum, foi um dos objetivos principais da Secretaria de Cultura e do Governo Moreira Franco. Ao invés de lamentar o status perdido, devemos nos preparar para fazer deste pequeno e precioso estado, do tamanho da Holanda, uma avançada sociedade de serviços, dotada de uma infra-estrutura moderna e eficiente, capaz de abrigar o mais arrojado projeto integrado de turismo e cultura — inspirado nos princípios do equilíbrio ecológico e da conservação da natureza. Para realizar estes objetivos, contamos com invejável patrimônio de prédios históricos, de artistas, intelectuais e técnicos os mais destacados, sem mencionar a tradição de uma platéia exigente e crítica, que cria, divulga e consagra os valores da cultura tanto popular quanto erudita.

Tendo em vista fortalecer o mercado cultural já existente, coube, antes de mais nada, dar prioridade à recuperação dos espaços culturais, profundamente deteriorados por falta de uma política de manutenção adequada que os deixou sem recursos por um período equivalente a 15 ou 30 anos. Esta recuperação se realizou seja com recursos do próprio Estado, seja com a colaboração do setor privado, com o qual o governo estabeleceu um novo tipo de relação, ligada a um sistema de controle ou até mesmo de co-gestão. De fato, associações civis paralelas, com a participação de empresários, participam da gestão da Sala Cecília Meireles, e o mesmo tipo de articulação se desenvolve com relação a outros espaços, como a Fundação Casa França-Brasil e o Museu da Imagem e do Som. Por outro lado, o fortalecimento de comissões de programação isentas e altamente qualificadas, alheias a pressões político-administrativas, reforça este novo espírito gerencial que tem como objetivo inserir os espaços culturais no fluxo da economia de mercado, seja em termos de financiamento, seja em sua relação com o público.

Outra preocupação fundamental foi a de valorizar os espaços nobres disponíveis, ao invés de prosseguir com a velha tradição de abandonar os espaços existentes em favor de novas obras. Dentro da mesma orientação, procuramos fortalecer espaços já existentes, redefinindo ou reforçando suas vocações culturais específicas. Estes espaços foram fortalecidos com a construção e com projetos de prédios anexos, capazes de usufruir da visibilidade e do prestígio de suas matrizes, ao invés de ter que enfrentar o ônus de espaços novos sem vocação definida, sujeitos à "síndrome de Andrezza", isto é, ao risco tão comum do desinteresse, ou do malogro e abandono.

Neste contexto, dar ao Rio de Janeiro uma lei de incentivos, para imprimir um máximo de dinamismo ao imenso potencial de seu mercado, é uma decisão necessária, tanto quando estimular a produção de vanguarda e democratizar os espaços culturais, abrindo teatros e bibliotecas ao grande público.